

“Eles vieram zerados...”: a alfabetização na pós-pandemia em uma escola pública de São Gonçalo (RJ)**Marcia Lisbôa Costa de Oliveira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Renata da Silva de Oliveira

Rede Municipal de São Gonçalo (RJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar visões de diferentes atores sociais sobre o processo de alfabetização em uma escola pública do município de São Gonçalo (RJ) no período pós-pandêmico, com o objetivo de compreender os impactos da suspensão de aulas presenciais e os desafios enfrentados no retorno às aulas presenciais, na unidade escolar em tela. Na contextualização da pesquisa, sintetizam-se pesquisas sobre educação e alfabetização na pós-pandemia. Desenvolveu-se um Estudo de Caso (Yin, 2001) de perfil exploratório, cujos dados foram gerados em entrevistas semiestruturadas com a gestora escolar, duas professoras alfabetizadoras e duas responsáveis por estudantes matriculados na unidade escolar. Tais dados foram interpretados segundo o método da Análise de Conteúdo temática (Bardin, 2011). Os resultados indicam que, na percepção das participantes do estudo, para além do impacto pedagógico provocados pela interrupção das aulas presenciais, os aspectos emocionais tiveram importante papel nas dificuldades relacionadas à alfabetização e aos usos da escrita que foram constatadas na pós-pandemia.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Estudo de Caso Exploratório. Análise de Conteúdo. Pós-pandemia.

Perspectives on beginning literacy in the post-pandemic in a public school in São Gonçalo (RJ)**ABSTRACT**

This research sought to analyse of different social actors views on the literacy process in a public school in the municipality of São Gonçalo (RJ) in the post-pandemic period, with the aim of understanding the impacts of the suspension of face-to-face classes and the challenges faced on returning to classroom activities. To put the study into context, we have summarized the results of studies on education and literacy during the pandemic. We developed an exploratory case study (Yin, 2001), whose data was generated through semi-structured interviews with the school manager, two literacy teachers and two employees who were responsible for the students enrolled at the school. The study data was interpreted using the thematic content analysis method (Bardin, 2011). The results indicate that, in the perception of the study participants, in addition to the pedagogical impact caused by the interruption of face-to-face classes, emotional aspects played an important role in the difficulties related to literacy and the uses of writing that were observed in the post-pandemic period.

Keywords: Beginning Literacy. Literacy. Exploratory Case Study. Post-pandemic.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi constatado em fevereiro de 2020, sendo o estado de emergência sanitária declarado pelo Ministério da Saúde no mês seguinte e suspenso somente em abril de 2022. Nesse período, foram confirmados 37.553.337 casos e 702.421 mortes. O índice de mortalidade auferido no país foi de 35,57 óbitos a cada 1.000 habitantes, segundo dados do sistematizados pela Secretaria de Vigilância em Saúde e Meio Ambiente do Ministério da Saúde (Brasil, s/d., n.p.).

Na cidade de São Gonçalo (RJ), onde situamos o estudo apresentado neste texto, foram registrados oficialmente 106.716 casos, sendo 4.170 óbitos. O índice de mortalidade no município foi de 71,25 óbitos para cada 1.000 habitantes, aproximadamente o dobro da média nacional, dado que pode ser interpretado como um forte índice da vulnerabilidade vivenciada pela população local

A pandemia de Covid-19 gerou inúmeras consequências sociais econômicas, porém é importante notar que os grupos atingidos por exclusões históricas foram os que mais sofreram no contexto pandêmico, cujo impacto “[...] não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exaustão social e o sofrimento imerecido que elas provocam” (Santos, 2020, p. 21). Esse foi o caso da comunidade escolar investigada.

No que concerne à educação básica no Brasil, as séries iniciais do ensino fundamental, sobretudo em redes públicas de ensino, foram sensivelmente afetadas suspensão de aulas presenciais, com a implementação de aulas remotas, híbridas ou estratégias alternativas. Isso prejudicou, particularmente, o processo ensino-aprendizagem das crianças em fase de alfabetização.

Os resultados das avaliações aplicadas no âmbito do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2021 e do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2021, divulgados em 2022, revelam a queda na pontuação obtida pelos alunos do 2º ano do ensino fundamental no componente língua portuguesa, que reduziu de 750 pontos em 2019, para 725,5 em 2021, o que corresponde à queda de um nível de proficiência. Constatou-se, ainda, que a porcentagem dos estudantes do 2º ano que não conseguem ler palavras isoladas mais do que dobrou, passando de 15,5% em 2019 para 33,8%, em 2021 (Tokarnia, 2022, n.p.)

Esses dados confirmam as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização na escola pública do município de São Gonçalo (RJ) em que implementamos nosso estudo, que objetivou compreender as percepções de diferentes atores sociais da instituição da escola municipal em que atuamos acerca dos desafios enfrentados no processo de alfabetização de crianças matriculadas no ciclo de alfabetização, no período pós-pandêmico, tendo em vista o desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento das questões levantadas pelas participantes.

Para tanto, desenvolvemos um estudo de caso exploratório (Yin, 2001), empregando como estratégia de geração de dados a realização de entrevistas com a gestora escolar, duas professoras do terceiro ano escolar e duas responsáveis por estudantes. Os dados gerados nas entrevistas foram interpretados segundo o método da Análise de Conteúdo temática (Bardin, 2011). A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, através do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 68754223.4.0000.5282.

Diante das constatações do estudo ora apresentado, organizamos para a segunda etapa da pesquisa, realizada em 2023, a oferta de apoio pedagógico para estudantes do grupo estudado, com o desenvolvimento de práticas de leitura em puderam vivenciar a construção de sentidos, assim como atividades voltadas para a apropriação do SEA. Assim, buscamos contribuir para a continuidade produtiva de seu percurso de escolarização e para que possam, futuramente, atuar de forma plena nas diversas demandas que envolvem as práticas sociais de escrita.

Este trabalho está organizado em três seções. Na primeira, contextualizamos a pesquisa realizada, apresentando estudos sobre os impactos crise gerada pela pandemia de Covid-19 na educação brasileira. Na segunda, descrevemos a metodologia da pesquisa, indicando o contexto e os procedimentos do estudo de caso realizado e, na terceira, analisamos as entrevistas realizadas, apontando os resultados obtidos.

2 DESIGUALDADES EDUCACIONAIS E ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA

Em estudo sobre desigualdades educacionais durante a crise pandêmica, Adriano Souza Senkevics e Alvana Maria Bof buscaram investigar os efeitos gerados pelas desconformidades

educativas nas escolas brasileiras em 2020, através da análise das respostas das redes de ensino às condições impostas pelo contexto de suspensão das atividades presenciais e à adoção de estratégias pedagógicas não presenciais, como forma de dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem.

Com base na participação de mais de 118 mil escolas na pesquisa “Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 de 2020” – suplemento realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), por meio do Censo da Educação Básica, desenvolveu-se um Índice de Resposta Educacional à Pandemia (IRP), indicador sintético das principais estratégias de ensino-aprendizagem empregadas pelas escolas, por força da suspensão de atividades presenciais no ano letivo de 2020. Assim, o referido estudo procurou responder às seguintes questões: como diferiram as respostas das redes de ensino e das escolas no enfrentamento às limitações na realização de aulas presenciais? Como diferiram as estratégias adotadas pelas escolas e redes de ensino para a continuidade das atividades de ensino-aprendizagem não presenciais? Quais escolas e estudantes foram mais afetados? O que condiciona as diferentes respostas das escolas?

Na busca de respostas a tais questões, a referida pesquisa utiliza-se dos dados do trabalho “Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19” do Censo da Educação Básica, desenvolvida pelo Inep, que possibilita avaliar as diferentes estratégias escolares, bem como lançar luz sobre os seus condicionantes e, conseqüentemente, sobre as desigualdades escolares na resposta à pandemia.

Através do Índice de Resposta Educacional à Pandemia (IRP), o qual é capaz de diferenciar as respostas das escolas em grupos ordenados, numa escala progressiva e cumulativa, sintetizando a resposta das escolas a um conjunto de 29 itens presentes na pesquisa Resposta Covid-19 do Censo da Educação Básica no ano de 2020, é possível investigar a resposta das escolas item a item. Porém, os autores consideram que essa estratégia não permite a construção de uma visão global sobre as ações desenvolvidas pelas escolas em seu conjunto. Ao optar pela construção de um indicador sintético, variante em uma escala de 0 a 10 pontos, os produtores desse estudo alcançaram um meio de descrever diferentes conjuntos de ações empregadas por distintos perfis de escolas, bem como de permitir análises multivariadas, para se estimar os condicionantes associados à resposta mais ou menos robusta das escolas aos desafios impostos pela pandemia.

Os dados do questionário da pesquisa realizada pelo Inep, respondido por 118.206 escolas (97.441 públicas) que ofertam o ensino fundamental e 27.592 escolas (19.884 públicas) que ofertam ensino médio no País, apontam que mais de 99% dessas escolas suspenderam as atividades presenciais de ensino durante o período de pandemia em 2020. Aproximadamente 97,9% das escolas públicas de ensino fundamental e 98,7% das de nível médio que suspenderam as aulas presenciais reportaram adoção de estratégias de ensino-aprendizagem remotas no ano letivo de 2020.

Na seção de contextualização e revisão da literatura do trabalho sobre “Desigualdades educacionais na pandemia”, realizado pelo Ministério da Educação, são reportados os principais achados de uma série de estudos nacionais realizados de 2020 em diante. A seguir são mencionados alguns desses estudos.

Dentre os trabalhos que investigam os impactos da pandemia na educação, focalizando as desigualdades educacionais, há os que argumentam que a desigual distribuição de meios, como acesso à internet de banda larga e/ou a equipamentos como computadores e *tablets* entre as escolas, professores e famílias, pode provocar uma ampliação das desigualdades educacionais. Outros associam as desigualdades de oportunidades de aprendizagem durante a pandemia a perfis socioeconômico e demográfico dos estudantes e suas famílias. Os resultados desses últimos estudos mencionados assinalam as desigualdades de acesso às oportunidades de aprendizagem das crianças, indicando que estas estão associadas ao perfil socioeconômico das famílias.

Estudos sobre a desigualdade nas respostas educacionais dos municípios brasileiros ao contexto da pandemia e sua relação com as desigualdades educacionais pré-existentes, também fazem parte do conjunto de trabalhos nacionais destacados pelo Ministério da Educação. Esses estudos concluíram que as respostas educacionais à pandemia nos municípios estão associadas a um conjunto de fatores, especificamente, o nível socioeconômico médio dos estudantes da rede. O nível socioeconômico dos estudantes e a “qualidade” da resposta educacional dos municípios apontam que a pandemia, além de produzir impactos generalizados sobre a educação, tenderá a agravar as desigualdades educacionais anteriormente existentes.

De modo geral, esses trabalhos indicam a diversidade de respostas das escolas para a continuidade das atividades pedagógicas de forma não presencial durante a pandemia,

indicando marcantes desigualdades entre as escolas e as redes de ensino brasileiras, que podem, de fato, ter se aprofundado durante e após a pandemia.

Uma das maiores preocupações relacionadas ao efeito da crise pandêmica na educação brasileira refere-se ao possível aumento das desigualdades educacionais já tão marcantes no sistema educacional brasileiro. Por isso, a questão colocada pela pesquisa é o quanto essas diferenças refletem e reforçam as desigualdades existentes no cenário educacional brasileiro.

Na seção de análises e resultados da pesquisa realizada pelo Inep, considerando-se a localização da escola (urbana/rural), verificou-se que a resposta educacional à pandemia por parte de escolas localizadas na zona urbana foi consideravelmente mais completa do que as localizadas em zona rural. Os alunos de escolas rurais, que tradicionalmente se encontram em desvantagem quando comparados aos das urbanas, parecem ter sido mais prejudicados, uma vez que suas escolas apresentaram uma resposta educacional à pandemia mais precária. A localização municipal da unidade escolar pode servir de reforço às desigualdades já existentes entre as escolas rurais e urbanas. De modo geral, seriam as escolas pequenas, localizadas nas zonas rurais, de baixo nível socioeconômico e municipais as mais impactadas negativamente com a pandemia, uma vez que sua resposta educacional à suspensão das aulas presenciais foi mais precária.

Em suma, os resultados revelam sensíveis desigualdades na resposta das escolas brasileiras ao contexto pandêmico, tanto entre as regiões e unidades federativas, quanto entre redes de ensino e escolas de distintas características. As escolas municipais tenderam a apresentar uma resposta educacional à pandemia mais limitada, em comparação às escolas estaduais, federais e privadas, assim como as escolas menores e localizadas em áreas rurais, quando comparadas às escolas maiores e urbanas. De modo geral, esses resultados apontam que foram as escolas maiores, que já possuíam uma melhor infraestrutura anteriormente à pandemia, as que responderam de forma mais robusta aos desafios impostos pela suspensão das aulas presenciais nas escolas.

A pesquisa realizada por Alvana Maria Bof, Flavia Viana Basso e Robson dos Santos (2022), publicada no mesmo volume, analisa as estratégias que foram adotadas pelas escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental no país para a continuidade das atividades de ensino-aprendizagem de seus alunos, durante a suspensão das aulas presenciais causada pela pandemia. Verificam-se também, os possíveis reflexos dessas novas condições de ensino nos resultados

da alfabetização das crianças, comparando-se dados dos períodos pré e pós-pandemia. O objetivo desse trabalho foi investigar os possíveis impactos da pandemia de Covid-19 na alfabetização das crianças nas escolas brasileiras.

Devido às mudanças nas condições e formas de ensino durante a pandemia assumirem contornos ainda mais contundentes quando se trata das crianças pequenas, que estavam prestes a vivenciar ou vivenciando o processo de alfabetização, o trabalho citado busca esclarecer os seguintes questionamentos: Com as aulas presenciais suspensas e entendendo-se que a fase de alfabetização requer o acompanhamento de um adulto mediador, como terá ocorrido o processo de alfabetização das crianças brasileiras durante o período da pandemia? E que efeitos (se existentes) o contexto teria produzido sobre os resultados da alfabetização dessas crianças?

Na seção de revisão de literatura, a referida pesquisa apresenta estudos que buscaram demonstrar os impactos da pandemia na educação no Brasil. Um desses estudos é o relatório “A Educação não pode esperar”, elaborado pelo Instituto Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), pelo Instituto Rui Barbosa (IRB) e por um conjunto de Tribunais de Contas Estaduais e Municipais (CTEIRB; Iede, 2020), o qual apresenta uma investigação realizada em 2020 para mapear ações das redes de ensino durante a pandemia – 249 redes de todas as regiões do País (232 municipais e 17 estaduais). Os resultados mostram que a adoção de estratégias para oferecer atividades pedagógicas aos estudantes no período em que houve a suspensão das aulas presenciais foi bastante diferente entre as redes de ensino das regiões brasileiras. Enquanto no Sul e Sudeste 100% das redes de ensino declararam ter desenvolvido alguma estratégia e 97% no Centro-Oeste, no Norte e Nordeste esse percentual foi bem menor: 72% e 75%, respectivamente.

São apresentados estudos que se debruçaram especificamente sobre os impactos da pandemia na alfabetização das crianças. Dentre eles, destaca-se a “Nota Técnica: Impactos da Pandemia na Alfabetização de Crianças”, realizada em 2021 pelo grupo “Todos pela Educação”, uma organização da sociedade civil que possui como objetivo trabalhar por uma escola pública de qualidade para todos. O estudo desenvolvido pelo grupo apresenta alguns efeitos já observáveis da pandemia de Covid-19 na alfabetização de crianças brasileiras de 6 e 7 anos de idade, usando os dados da Pnad Contínua, de 2012 a 2021. Entre os resultados dos dados analisados, constatou-se que, entre 2019 e 2021, houve um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que não sabiam ler e escrever, segundo a informação de seus

responsáveis. Há diferenças significativas também considerando-se o nível socioeconômico das crianças. Enquanto para as crianças de 6 e 7 anos residentes em domicílios mais ricos o percentual das que não sabiam ler e escrever aumentou de 11,4% para 16,6%, para as de domicílios mais pobres, aumentou de 33,6% para 51,0%.

A análise dos resultados da pesquisa “Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil”, produzida pelo Inep, mostra que cerca de 99% das escolas públicas brasileiras que ofertam matrículas nos anos iniciais do Ensino fundamental suspenderam as aulas presenciais durante a pandemia em 2020. Quanto às estratégias e ferramentas adotadas pelas escolas públicas que ofertam os anos iniciais do ensino fundamental durante a suspensão das aulas presenciais, observou-se que a mais utilizada foi a disponibilização de materiais de ensino-aprendizagem impressos para retirada na escola pelos alunos ou responsáveis e/ou entrega em domicílio (95,9%), seguida pela disponibilização de materiais de ensino-aprendizagem na internet (71,3%). Tendo em vista a necessidade de mediação de um adulto na alfabetização da criança, a falta de preparação/orientação dos pais/ adultos responsáveis pode indicar limitações consideráveis no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem das crianças, especialmente na fase de alfabetização.

Quanto à comunicação entre aluno/famílias e escola/professor durante a suspensão de aulas presenciais, constata-se que 81,3% das escolas públicas de anos iniciais do EF adotaram como estratégia a manutenção de canal de comunicação direto dos alunos com os professores (por e-mail, telefone, redes sociais, aplicativo de mensagens) e 75,5% a manutenção de canal de comunicação dos alunos com a escola.

Dados gerados pela pesquisa revelam condições desiguais entre as escolas anteriormente à pandemia e sugerem que instituições que faziam uso de recursos de internet para as atividades de aprendizagem e estão situadas em localidades onde esse acesso é disponibilizado possuem, potencialmente, uma maior experiência didático-pedagógica com esses instrumentos e uma infraestrutura que poderia ser empregada com mais agilidade no contexto pandêmico.

De modo geral, os resultados apresentados revelam expressivas desigualdades entre as escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental das unidades federativas e regiões brasileiras na adoção de estratégias para a continuidade das atividades de ensino-aprendizagem na pandemia. A fragilidade na resposta está relacionada a limitações que antecedem à pandemia,

sobretudo no que diz respeito à disponibilidade de infraestrutura nas escolas e, de modo mais geral, nos municípios ou em grandes regiões dos estados que abrigam as redes de ensino. Os resultados sugerem que houve um aumento nas desigualdades após a pandemia.

Os impactos e consequências geradas na educação brasileira pela pandemia de Covid-19 são evidentes e provavelmente vão persistir por anos, afetando a trajetória escolar e as vidas de milhares de crianças. Segundo esses estudos, os efeitos da crise pandêmica referentes à educação ainda não foram totalmente mensurados e suas consequências impactarão por longo prazo a educação brasileira.

Dessa forma, através de políticas públicas é preciso recompor as perdas, reconstruir direitos afetados e superar processos de exclusão que foram aprofundados. Por isso, os estudos apresentados pelo Ministério da Educação objetivam compreender e dimensionar os impactos, de modo a subsidiar as intervenções.

Na seção seguinte, apresentamos o estudo de caso exploratório realizado.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA – ESTUDO DE CASO

Durante 2022, ano em que houve à volta às aulas presenciais na unidade escolar onde o estudo é realizado, foi possível observar as inquietações das docentes sobre como desenvolver o processo de ensino-aprendizagem em alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, os quais tiveram o 1º e 2º anos comprometidos devido ao cenário educacional singular gerado pela pandemia.

Em seus discursos ficava evidente que o método de alfabetização adotado até então não atenderia de forma suficiente as necessidades desses estudantes. Assim, parecia evidente que o processo de ensino-aprendizagem demandaria novas intervenções e estratégias pedagógicas. No entanto, observamos que as intervenções propostas não eram embasadas em concepções teórico-metodológicas sobre a alfabetização.

Ainda assim, com o trabalho realizado pelas docentes e a participação das famílias, parte dos discentes conseguiu alcançar os objetivos propostos na alfabetização. Porém, um considerável número de alunos necessitou, em 2023, permanecer no 3º ano do Ensino Fundamental para continuar seu processo de alfabetização.

A constatação de um alto índice de retenções no terceiro ano escolar e a necessidade de entendermos o contexto escolar em que nos inserimos, buscando caminhos para a recomposição de aprendizagens das crianças cujo processo de alfabetização foi afetado pela pandemia, impeliram-nos a realizar a pesquisa aqui apresentada.

Adotamos a abordagem qualitativa neste estudo, cujo objetivo foi produzir conhecimento sobre o contexto de uma escola pública municipal na pós-pandemia, pelo olhar da gestão, de docentes e de responsáveis por estudantes. Assumimos, nesse sentido, a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2008, p. 46), posicionando-nos como docentes-pesquisadoras que buscam produzir conhecimento sobre seus problemas profissionais, tendo como propósito a melhoria de suas práticas e o entendimento do contexto socioeducativo, para colaborar em sua transformação.

Adotamos a metodologia de Estudo de Caso por se tratar de um tipo de investigação empírica que propõe uma análise detalhada da realidade, em que se busca interpretar e explicar um determinado fenômeno contemporâneo em profundidade, na dinâmica do contexto que está inserido (Yin, 2001). Entendemos que essa abordagem, em sua feição exploratória, se alinha ao foco de nossa investigação sobre a pandemia e seus efeitos no processo de alfabetização dos estudantes pelo olhar de diferentes agentes sociais.

Para a interpretação dos dados gerados nas entrevistas e nas oficinas, utilizamos o método da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), que se configura um conjunto de instrumentos metodológicos que permitem a interpretação do conteúdo e do continente (forma) de diferentes discursos. Adotamos a vertente temática, que, diante de um conjunto de dados, busca identificar e organizar padrões de significação que permitam sua interpretação.

Para Silva, Gobbi e Simão (2005), as técnicas de análise de conteúdo aplicadas nas ciências sociais são importantes instrumentos à interpretação das percepções dos atores sociais. A interpretação da realidade social caracteriza o método de análise de conteúdo como uma importante ferramenta de análise na pesquisa de perspectiva qualitativa.

No estudo de caso exploratório, empregamos a entrevista como ferramenta para a geração de dados que nos permitisse entender: as percepções dos participantes referentes às vivências no período pandêmico e seus efeitos; informações sobre a experiência da alfabetização de forma remota e suas consequências; considerações sobre o retorno às aulas presenciais e possíveis formas de colaborar com o processo de alfabetização desses alunos.

Buscando obter diferentes olhares sobre as vivências das crianças e das pessoas que participaram de seu processo de alfabetização, entrevistamos cinco mulheres, participantes de dos seguintes grupos:

- Docentes que atuam diretamente no desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos do terceiro ano escolar;
- uma gestora escolar, que gerencia recursos e organiza o trabalho dos profissionais que atuam na escola, incluindo docentes, merendeiras, inspetores, auxiliares de secretaria e limpeza, entre outros.
- Responsáveis por estudantes, que devem, juntamente com a escola, viabilizar a educação do discente, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) que define e regulariza a organização da educação brasileira, preconiza a colaboração da família e da escola em prol do estudante, no destaque do Art. 2º da referida lei, “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

As entrevistadas foram selecionadas dentre as pessoas que se voluntariaram a participar da pesquisa, tendo lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme orientação do Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos da Universidade. Essa documentação se encontra em poder das autoras. Descrevemos a seguir o perfil das entrevistadas e indicamos sua identificação na pesquisa:

- Gestora Escolar - cursou História, não tem formação específica em alfabetização, lecionou durante sete anos e atua na gestão da unidade escolar onde se desenvolve a pesquisa há dezessete anos;
- Docente 1 - cursou Pedagogia, com habilitação em séries iniciais, não realizou nenhuma formação específica em alfabetização. Leciona há vinte oito anos, dos quais vinte e quatro na escola em que se desenvolveu a pesquisa.
- Docente 2 - cursou Pedagogia e uma pós-graduação, não mencionou formação específica em alfabetização. Leciona há cerca de trinta anos, dos quais vinte e três na escola em que se desenvolveu a pesquisa.
- Responsáveis 1 e 2 – mães de estudantes do terceiro ano escolar que vivenciaram o período inicial de alfabetização, durante o primeiro e o segundo ano escolar, de modo

adaptado à realidade de afastamento social necessária durante a crise pandêmica, e ficaram retidos nessa série escolar.

Para a geração de dados, elaboramos roteiros de entrevistas que seguiram uma base comum, com adequações ao perfil de cada grupo representado. Buscamos colher percepções relacionadas a suas diferentes inserções no processo de alfabetização dos estudantes, tendo sido utilizados os roteiros a seguir:

Quadro 1: Roteiro para entrevistas com Professoras:

Assuntos	Questões formuladas
Formação e atuação docente	• Como foi seu percurso de formação como docente? • Você realizou alguma formação específica em alfabetização? • Há quanto tempo ministra aulas? • Há quanto tempo atua nesta escola?
Pandemia e vida pessoal	• Como vivenciou a pandemia na sua vida pessoal? • Que impactos a pandemia acarretou para sua vida?
Pandemia e vida profissional	• Como foi sua experiência docente durante a pandemia?
Retorno às aulas presenciais	• Como foi a experiência docente no retorno das aulas presenciais? • Quais foram os desafios e os aspectos positivos?
Alfabetização na pós-pandemia	• Como foi o processo de alfabetização da turma de 3º ano, em 2022? • Como avalia os resultados da turma, considerando-se que esses alunos desenvolveram o 1º e 2º anos de modo remoto??
Recomposição de aprendizagens na pós-pandemia	• Quais estratégias pedagógicas podem favorecer a recomposição de aprendizagens no processo de alfabetização das crianças que ficaram retidas no 3º. Ano escolar?

Fonte: elaboração das autoras.

Quadro 2: Roteiro para entrevista com a gestora escolar.

Assuntos	Questões formuladas
Formação e atuação docente	• Como foi seu percurso de formação como docente? • Você realizou alguma formação específica em alfabetização? • Por quanto tempo ministrou aulas? • Há quanto tempo atua como diretora escolar? • Há quanto tempo atua como diretora nesta escola?

Pandemia e vida pessoal	• Como vivenciou a pandemia na sua vida pessoal? • Que impactos a pandemia trouxe para sua vida?
Pandemia e vida profissional	• Como foi sua experiência como gestora escolar durante a pandemia?
Retorno às aulas presenciais	• Como foi a experiência como gestora escolar no retorno das aulas presenciais? • Quais foram os desafios e os aspectos positivos?
Alfabetização na pós-pandemia	• Como avalia o quantitativo de alunos retidos nas turmas de 3º ano em 2022, considerando-se que esses alunos desenvolveram o 1º e 2º anos de modo remoto?
Recomposição de aprendizagens na pós-pandemia	• Como a direção escolar pode contribuir para a recomposição de aprendizagens no processo de alfabetização das crianças que ficaram retidas no 3º. Ano escolar?

Fonte: elaboração das autoras.

Quadro 3: Roteiro para entrevistas com responsáveis por alunos.

Assuntos	Questões formuladas
Pandemia e vida pessoal	• Como vivenciou a pandemia na sua vida pessoal? • Que impactos a pandemia acarretou para sua vida? • Como seu/sua filho(a) vivenciou a pandemia? • Que efeitos a pandemia gerou na vida dele(a)?
Pandemia e vida escolar	• Como foi a sua experiência como responsável por uma criança em fase de alfabetização durante a pandemia? • De que forma seu/sua filho(a) vivenciou a experiência da alfabetização de modo remoto?
Retorno às aulas presenciais	• Como foi a experiência de seu/sua filho(a) no retorno das aulas presenciais? • Quais foram os desafios e os aspectos positivos?
Recomposição de aprendizagens na pós-pandemia	• Levando em consideração que seu/sua filho(a) ficou retido no 3º ano, como observa que pode colaborar com o processo de alfabetização dele(a)?

Fonte: elaboração das autoras.

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente, para a análise de dados. Na transcrição, optamos por manter características da oralidade presentes nos enunciados, no entanto não nos ativemos à transcrição das variantes linguísticas empregadas pelas participantes, dados os objetivos do estudo de caso.

A partir da leitura dos dados transcritos, mapeamos ideias emergentes nas entrevistas, para então construirmos categorias de análise, identificando os temas que se repetiram com mais frequência. Na fase de exploração do material, unidades de codificação são classificadas e categorizadas, tornando-as apropriadas aos propósitos do estudo. No processo de análise do conteúdo, denominado tratamento dos resultados, buscamos o sentido do que foi apreendido de maneira imediata, de modo a obter resultados válidos, que pudessem nos orientar na etapa de interpretação, em que os conteúdos analisados deveriam produzir imagens significativas (Bardin, 2011).

Dadas as restrições impostas pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade, a escola em que foi desenvolvido o estudo não poderá ser identificada, porém buscamos delinear o perfil da unidade escolar e de seu contexto sociocultural.

O município de São Gonçalo, em cuja rede escolar se insere a instituição, localiza-se no Leste Fluminense, a 25km da capital, na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, região Sudeste do Brasil. Trata-se do segundo município mais populoso do Estado, com população residente de 896.744 pessoas, distribuída em uma área Territorial de 248,160 km². O salário médio mensal dos trabalhadores formais é de dois salários mínimos, sendo o percentual da população com rendimento nominal mensal *per capita* de até 1,2 salário mínimo da ordem de 34,5%. (IBGE, s/d)

Sua rede municipal de ensino é composta por cento e dez unidades, distribuídas entre sede e distritos. O IDEB da rede pública do município para os anos iniciais do ensino fundamental é 5,2, o que significa que os alunos estão muito abaixo da média de aprendizado esperada. A Escola Municipal em que foi desenvolvida a pesquisa fica situada em uma região rural, com precária urbanização (IBGE, s/d). A população local apresenta tendência à falta de oportunidades de contato com as culturas do escrito que são socialmente valorizadas e enfatizadas na rede escolar do município, dada a ausência de aparelhos culturais públicos ou privados, como bibliotecas, livrarias e centros culturais, por exemplo.

A comunidade na qual a escola está inserida é marcada pela vulnerabilidade e pela violência, em suas diferentes formas. A maioria dos alunos reside em dois conjuntos de prédios que fazem parte do programa federal de habitação popular intitulado “Minha casa, minha vida”, que subsidia unidades habitacionais para famílias com renda mensal bruta até R\$ 2.640,00 (Caixa Econômica Federal, s. d; n.p.).

Boa parte dos estudantes conta com o alimento oferecido pela unidade escolar para realizar as principais refeições do dia. Vários pais de alunos possuem uma carga horária de trabalho extensa, dificultando o acompanhamento escolar dos filhos. Essa situação gera a necessidade de os estudantes ficarem em suas casas sob a responsabilidade de irmãos mais velhos, que, por vezes, não os encaminham à escola. Muitos alunos são filhos de ex-alunos e alguns profissionais que compõem o quadro de funcionários também são ex-alunos da escola.

O público-alvo da unidade de ensino, inaugurada em 26 de junho de 1993, são alunos do pré-escolar ao quinto ano do Ensino Fundamental. Desde 1999, a escola, que abrangia todo o ensino fundamental passou a atender apenas a turmas de anos iniciais do ensino fundamental. Em março de 2019, foi inaugurado o prédio da Educação Infantil, que hoje atende a alunos de quatro e cinco anos.

Na instituição, há cerca de 500 alunos matriculados, em vinte turmas distribuídas em dois turnos, manhã e tarde. A estrutura da escola apresenta refeitório, quadra coberta, onde são realizadas as aulas de educação física, espaço aberto para os estudantes desfrutarem o horário do recreio e sala de multimídias. O espaço do pré-escolar possui mesas e cadeiras adaptadas para essa faixa etária, assim como bebedouro e banheiro. Esse grupo também dispõe de parquinho para atividades recreativas. A unidade dispõe, ainda, de salas reservadas para a direção, a secretaria e a sala dos professores. Há, ainda, uma sala para a atuação da orientação educacional e pedagógica, a qual também abriga o acervo de livros literários e didático, adquiridos através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

De fato, a escola carece de uma sala de leitura que possa realmente ser usada especificamente com este fim por alunos e professores, para que a comunidade escolar possa ter acesso a obras de literatura infantojuvenil e a fontes de pesquisa. Como não existe esse local, as professoras reservam em suas salas de aula espaço com livros literários, para facilitar o acesso dos alunos.

No período de distanciamento social, com a suspensão das aulas presenciais, a rede escolar municipal de São Gonçalo não adotou plataformas virtuais, mas criou um modelo de ensino remoto que consistia na distribuição quinzenal de apostilas, que eram retiradas pelos responsáveis e devolvidas à escola, com as tarefas realizadas, em prazos determinados.

As palavras que parecem na imagem revelam temas dominantes nos discursos das entrevistadas. As que aparecem ao centro - casa, difícil e aula - criam eixos importantes para a compreensão dos discursos das entrevistadas com relação ao período da pandemia de Covid-19 e ao ensino remoto. Vemos que a palavra casa aparece em maior destaque, assinalando o quanto este espaço se tornou central no confinamento pandêmico. Nos vocábulos que orbitam em torno desse termo, assim como no restante da nuvem de palavras, que predominam os campos semânticos relacionados ao cotidiano escolar e ao contexto da pandemia, com destaque para emoções/percepções negativas vivenciadas nesse período.

Em consonância com o índice interpretativo que encontramos na figura 1, na análise das entrevistas individuais, identificamos duas temáticas predominantes: sofrimento emocional e ausência de ensino-aprendizagem na pandemia.

Com relação ao sofrimento emocional, o sentimento de ansiedade apareceu de forma transversal, fazendo-se presente em todas as entrevistas, nas quais o discurso dos participantes indica o abalo emocional vivenciado no período pandêmico. Elas relataram diferentes perdas, sobretudo de pessoas próximas, assim como as incertezas decorrentes daquele momento singular, experienciado mundialmente, que causou tensão e medo.

Os relatos presentes nas entrevistas abordam as angústias sofridas no período pandêmico. Notamos que as entrevistadas optaram por falar pouco sobre o que ocorreu, embora tenham evidenciado, em suas escolhas linguísticas, os sentimentos vivenciados.

Nas respostas sobre os impactos da pandemia gerados na vida pessoal, a Docente 2 e a Responsável 1, por exemplo, revelam perdas de familiares:

Docente 2 – “Complicado. Bem difícil, né? Perdi minha irmã, meus pais [são] idosos, então tinha que ter aquela atenção maior. A perda familiar desestruturou totalmente a família, né? Porque ela era a base.”

Responsável 1 – “Muito difícil! Perdi um ente muito querido! Meu tio, irmão do meu pai.”

As frases entrecortadas podem ser um índice da insegurança em rememorar um período tão complexo e reviver os sofrimentos. Observamos que os adjetivos e intensificadores empregados nessas duas respostas – *complicados*, *bem difícil*, *desestruturou totalmente*, *muito difícil*, *muito querido* - sinalizam a percepção negativa e a complexidade da situação.

Os sofrimentos emocionais foram sublinhados pelas participantes na questão referente à vida pessoal, porém apareceram também nas demais respostas. Nos trechos abaixo, observamos esse destaque:

Docente 1 – Na minha vida pessoal foi muito difícil e os impactos foram emocionais mesmo.

Gestora Escolar – Ai! Muitas ansiedades! Questão emocional, muita!

Chamamos atenção para a resposta da Gestora Escolar, que, com o uso da interjeição, a presença de adjetivos com intensificadores e a entonação exclamativa, expressa a dor vivida.

Na questão “Como seu/sua filho(a) vivenciou a pandemia?”, as duas responsáveis abordaram as alterações no convívio social e seus impactos na vida dos filhos:

Responsável 1 – Quando meu tio ficou doente, aí qualquer outra pessoa que ficava..., [estava] meio gripadinho, [meu filho] já achava que era também. A cabeça das crianças ficou como... Ficou ... para as crianças, todo mundo estava doente, e eles ... com medo, né? No caso.

Responsável 2 - Foi tenso, né... Por causa dessa doença não podia sair de casa, não sei o quê... As crianças gostam muito de andar na rua, brincar... aí não podia... Tinha que usar máscara, tinha que ficar isolado dentro de casa...

Em ambos os enunciados verificamos hesitação, interrupção do pensamento e/ou reformulação, mecanismos que, na transcrição, indicamos por reticências. Esses traços forma bastante presentes nas entrevistas.

Observamos nessas respostas a emergência de três sentimentos/sensações: medo, tensão e isolamento. Os comentários das duas mães vão ao encontro de estudos científicos cujos resultados comprovam que o isolamento social pode afetar o desenvolvimento comportamental, mental e cognitivo de crianças e adolescentes.

Em revisão sistemática de publicações sobre o tema, Isabelle Lina de Laia Almeida, Jaqueline Ferraz Regoa, Amanda Carvalho Girardi Teixeira e Marília Rodrigues Moreiras (2021) sintetizam achados de pesquisas e afirmam que o impacto do isolamento social no desenvolvimento de crianças e adolescentes abrange os aspectos cognitivo, corporal e mental, com efeitos de médio e longo prazos. As autoras indicam o aumento de sintomas de depressão, doença que está relacionada ao baixo desempenho escolar e a doenças na vida adulta, tais como

cardiopatias, obesidade, hipertensão e diabetes. Já com relação ao desenvolvimento cognitivo, afirmam que:

[...] situações de isolamento durante a infância prejudicam aprendizado de novas habilidades como fala, escrita e leitura, principalmente nas crianças mais novas, o que afeta o desempenho escolar e torna mais difícil o processo de socialização com os colegas, gerando um círculo vicioso entre isolamento e dificuldade no processo de aprendizagem. (Almeida et al, 2021, pp. 7-8).

As percepções das entrevistadas também corroboram os achados de Almeida et al (2021) no que concerne às dificuldades enfrentadas na volta às aulas presenciais, como podemos notar nos seguintes trechos:

Docente 2 – “Os desafios? A turma, né, que não tinha mais essa convivência entre eles, então isso foi muito difícil, pesou muito. [...] E eles não estarem mais adaptados em sala de aula, né... então teve todo o processo de adaptar primeiro em sala de aula, a convivência...”

Gestora Escolar – “Bastante difícil... encontramos muitas dificuldades com os alunos, com questões emocionais, muitos choros.”

Quanto à segunda categoria, obstáculos na alfabetização dos alunos, as docentes, professoras 1 e 2, respectivamente, consideram a atuação da família na aprendizagem dos estudantes um elemento fundamental no processo de alfabetização, e afirmam: “É positivo que alguns responsáveis participaram muito na vida deles, outros, participação nenhuma” e “Ter acompanhamento de pais, dos pais em casa que foram poucos, né. É o apoio da família, em casa, né”. No entanto, a Professora 2 reconhece que, no contexto sociocultural em que se situa a instituição, muitos pais também viveram desigualdades educacionais, por isso, ela afirma: “Eu sei que muitos pais não têm condições, né, deles mesmo ensinarem, então tem que ter o apoio de outra pessoa.”

Além das questões emocionais, interessava-nos identificar, mais especificamente, o impacto educacional da pandemia pelo olhar das entrevistadas. O ensino remoto foi observado pelos participantes das entrevistas como o maior obstáculo enfrentado no processo de aprendizagem dos estudantes em fase de alfabetização.

O ensino remoto, na escola estudada, consistiu na entrega quinzenal de apostilas aos responsáveis, associada à oferta de grupos virtuais de acompanhamento, com horário reduzido, para interação com as professoras. Essas estratégias geraram uma sobrecarga para as mães, cujo

desconforto fica evidente no comentário da Responsável 2, a qual mencionou suas percepções sobre o ensino remoto em dois trechos:

Responsável 2 – “Foi péssimo, porque aula remota é horrível, horrível. Você tem que ficar vindo na escola pegar folha, depois levar para casa, depois voltar de novo. [...] Não tinha aula direito, aí tinha que ficar pegando papel para poder fazer, pra depois entregar na escola, não sei o quê. Aí de repente não dava tempo de entregar, aí a criança perdia aquilo, porque não entregou a folha que foi feita em casa. E eles não pegavam depois.”

As respostas das entrevistadas sobre o processo de alfabetização da turma que frequentou o terceiro ano em 2022, a qual cursou as duas primeiras séries escolares por meio de ensino remoto, demonstram que, para elas, não houve ensino-aprendizagem na pandemia:

Docente 1- Foi uma turma muito fraca, em termos de aprendizagem eles vieram zerados. Recomecei como se fosse uma turma de primeiro ano. [...] eles não foram alfabetizados.

Docente 2 - A dificuldade deles que não tiveram base nos anos anteriores na sala de aula. [...] Foi difícil, porque questão, né, que não tinham base antes, então tive que alfabetizá-los, né, no terceiro ano, a maioria.

Gestora Escolar - Tentando, é, alfabetizar novamente, atividades diferenciadas, Projeto Tempo de Aprender ajudou.

Responsável 1 – Ai! Eu achei ruim, no caso eu achei que tinha que reprovar eles, porque ela passou sem saber nada. Eu falei: [Nome da aluna], para mim você tinha repetido lá mesmo, você não chegou a estudar. [...] Sei lá, ela não aprendeu muita coisa assim não.

Responsável 2 – [...] a criança não aprende direito, porque é aula remota, não é presencial. [...] porque ninguém passa assim, tipo, ficando mais em casa do que na escola.

Na percepção de docentes, gestora e responsáveis, portanto, a escolarização das crianças foi, de fato, interrompida enquanto houve a orientação de isolamento social durante a pandemia de Covid-19. Por isso, destacamos no título deste artigo, a expressão usada pela Docente 1, que, a nosso ver, sintetiza o problema constatado no retorno às aulas presenciais: “Eles voltaram zerados!”

Para enfrentar os efeitos dessa interrupção, o reforço escolar foi a principal estratégia de recomposição de aprendizagens apontada pelas entrevistadas. A palavra reforço aparece em

diferentes sentidos, referindo-se ora às atividades preparadas pelas docentes, ora a aulas particulares que poderiam ser custeadas pelos responsáveis ou oferecidas pela escola, fora do horário escolar.

Essa ideia de reforço escolar como “salvação” aparece em várias falas:

Docente 1 - Ter acompanhamento de pais, dos pais em casa que foram poucos, né. É o apoio da família, em casa, né. Os pais que puderem, né, dar uma ..., botar em aula de reforço. Eu sei que muitos pais não têm condições, né... deles mesmo ensinarem, então tem que ter o apoio de outra pessoa. Em sala de aula a gente está alfabetizando, né... incentivando a escrita, a leitura, mostrando, tentando uma outra forma diferente, né... de ensinar a ler e a escrever. E, também cobrando, né... botando, né... para fazer as atividades, tá mais presente, ali, se dedicando a esses alunos, né ... já sabe que muita dificuldade, então...

Responsável 2 -Bota ela bastante para ler, para poder aprender logo, que está difícil. [...] E bota ela no reforço, né... tenta botar ela no reforço.

Transparece, nessas respostas, a preocupação da docente e da responsável com o processo de alfabetização das crianças, porém notamos também que a concepção de ensino-aprendizagem que lhes perpassa traz como a repetição, a reprodução e rigor como características da abordagem pedagógica a ser adotada para que o processo de alfabetização das crianças aconteça de forma rápida. Assim, a nosso ver, as concepções que atravessam as falas das entrevistadas se afastam de uma proposta de apoio pedagógico que parta das necessidades e dos interesses dos estudantes e considere tanto a construção do conhecimento quanto a interação na/pela linguagem.

No que se refere à concepção de alfabetização que perpassa essas falas, sinalizamos que o foco na leitura, em detrimento da escrita, parece não dar relevância à aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), que tem sido destacada em pesquisas, programas de formação de alfabetizadoras e documentos curriculares.

No conjunto de respostas, pudemos perceber que as marcas emocionais da pandemia ainda são muito presentes para as entrevistadas. Para elas, o isolamento social causou a interrupção do ensino-aprendizagem, não tendo ocorrido, a seu ver, processo de alfabetização das crianças matriculadas no primeiro e no segundo ano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo de caso realizado confirmam achados de diferentes pesquisas sobre os impactos da pandemia na educação no Brasil, no que se refere à distribuição desigual de meios de acesso ao ensino remoto, como à precariedade de oportunidades adequadas de aprendizagem durante a pandemia.

Como apontou uma das pesquisas sobre os impactos educacionais da pandemia mencionados neste estudo (Moraes; Albuquerque e Santos, 2022), as unidades escolares municipais foram, dentre as instituições públicas, as que sofreram mais as desigualdades. Entre as mais afetadas, destacaram-se aquelas localizadas em regiões de baixo desenvolvimento socioeconômico, em que a resposta educacional durante a pandemia tendeu a ser mais precária. Foi isso que observamos na escola analisada, em cuja rede municipal, diante da falta de recursos para o ensino digital, recorreu-se à entrega quinzenal de apostilas para as crianças matriculadas nas séries iniciais do ensino fundamental.

Considerando-se que as diferenças nas respostas educacionais à crise pandêmica contribuíram para o aprofundamento das desigualdades já existentes no cenário educacional brasileiro, é urgente que sejam feitos esforços no sentido de se garantirem os direitos de aprendizagem a todas as pessoas afetadas pelo vácuo educacional que foi sinalizado pelas participantes dessa pesquisa. Uma ação consistente e fundamentada com foco na alfabetização já continua sendo necessária, sobretudo em municípios nos quais não foi possível garantir condições para ensino remoto com qualidade pedagógica

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. H. M.; SANTOS, R. (organizadores). **Impactos da pandemia**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022.

ALMEIDA, I.L.L., REGOA, J. F., TEIXEIRA, A. C. G., MOREIRA, M. R. Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, (40), 2022. Pp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/ZjJsQRsTFNYrs7fJKZSgsv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 02 ago. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOF, A. M., BASSO, F. V., SANTOS, R. Impactos da pandemia na alfabetização das crianças brasileiras. In: MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. H. M.; SANTOS, R. (organizadores). **Impactos da pandemia**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 jun. 2023.

BRASIL. Covid-19. Painel Coronavírus. In: **Coronavírus Brasil**. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde e ambiente, s/d. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 12 jul. 2024.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Minha casa, minha vida**. Brasília: Caixa Econômica Federal, s/d. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/Paginas/default.aspx>. Acesso em 10. jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). São Gonçalo. In: **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/sao-goncalo.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. H. M.; SANTOS, R. (organizadores). **Impactos da pandemia**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SENKEVICS, A. S. e BOF, A. M. **Desigualdades educacionais na pandemia**: análise das respostas das escolas brasileiras à suspensão das atividades presenciais em 2020. In: MORAES, G. H.; SILVA, C. R., GOBBI, B. C., SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: Descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais Agroindustriais**, 7(1), 2005, 70-81.

TODOS PELA ALFABETIZAÇÃO. **Nota Técnica**: impactos da pandemia na alfabetização de crianças. Brasília, 2021.

TOKARNIA, M. **Em meio à pandemia, aprendizagem cai nas escolas do país**. Maior queda ocorreu na etapa de alfabetização das crianças. Brasília: Agência Brasil, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-09/em-meio-pandemia-aprendizagem-cai-nas-escolas-do-pais#:~:text=Em%20meio%20%C3%A0%20pandemia%2C%20com,2%C2%BA%20ano%20do%20ensino%20fundamental>. Acesso em dez. 2022.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em: 21/01/25
Aprovado em: 08/05/25